

ÁTILA

VOL. 1. O FIM DO MUNDO
VIRÁ DO LESTE

ÁTILA

**WILLIAM
NAPIER**

**VOL. 1. O FIM DO MUNDO
VIRÁ DO LESTE**

TRADUÇÃO DE
NATALIE GERHARDT



EDITORARECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2009

O fim do mundo virá do leste.

Em memória de

Steven Thorn

1965–2003

Melhor colega de apartamento, melhor dos amigos

LISTA DOS PRINCIPAIS PERSONAGENS

Os personagens marcados com um asterisco foram figuras históricas reais. Os outros podem ter sido.

Aécio* – nascido em 15 de agosto de 398 d.C. Filho de Gaudêncio, general comandante da Cavalaria na cidade fronteira de Silestria, atualmente a Bulgária.

Átila* – nascido em 15 de agosto de 398 d.C. Filho de Mudzuk, o filho de Uldin, rei dos hunos.

Berico* – um príncipe vândalo.

Bleda* – o irmão mais velho de Átila.

Cadoc – o filho de Lúcio.

Claudiano* – Cláudio Claudiano, um egípcio, nascido em Alexandria. Um dos favoritos na corte de Honório e considerado por alguns como o último dos grandes poetas romanos.

Estilício* – de origem semibárbara e general comandante do exército romano do Ocidente até seu assassinato em 408 d.C.

Eumolpo* – um eunuco do palácio.

Gala Placídia* – nascida em 388 d.C. Filha do imperador Teodósio I, irmã do imperador Honório e mãe do imperador Valentiano III.

Gamaliel – viajante, sábio e beato.

Genserico* – um príncipe vândalo.

Heracliano* – general comandante do exército romano no Ocidente depois da morte de Estilício.

Honório* – nascido em 385 d.C. Filho do imperador Teodósio e ele mesmo imperador de Roma de 395 a 423.

Lúcio – um oficial do exército romano, britânico de nascimento.

Marco – um centurião romano.

Mundzuk* – o filho mais velho de Uldin e por um breve período rei dos hunos.

Olímpio* – um eunuco do palácio.

Pássaro Miúdo – um xamã huno.

Orestes* – de origem grega, companheiro de toda a vida de Átila.

Prisco de Pânio* – um escriba humilde e discreto.

Ruga* (Rua ou Rugila) – filho mais novo de Uldin e rei dos hunos de 408 a 441 d.C.

Serena* – esposa de Estilício.

Uldin* – rei dos hunos até 408 d.C.

PRÓLOGO

MOSTEIRO DE SÃO SEVERINO,
PRÓXIMO A NÁPOLES, 488 d.C.

Meu pai sempre me disse que existem duas coisas de que você precisa para ser um grande historiador. “Você precisa saber escrever”, disse ele, “e precisa ter coisas sobre as quais escrever.”

Suas palavras me soam irônicas agora. Sim, pai, eu tenho sobre o que escrever. Coisas nas quais você dificilmente acreditaria.

Eu tenho as maiores e mais terríveis histórias para contar. Nesses tempos sombrios, em que as habilidades de um historiador são raras de se encontrar, eu posso muito bem ser o último homem da face da Terra capaz de contá-las.

Meu nome é Prisco de Pânio e tenho quase 90 anos. Vivi em um dos períodos mais calamitosos da História de Roma, e agora essa história chegou ao fim e Roma está acabada. Tito Lívio escreveu sobre os Fundadores de Roma. Cabe a mim escrever sobre os Últimos Defensores e os Destruidores. Trata-se de uma história para amargas noites de inverno; uma história de horror e atrocidade, que passou com brilho de coragem e nobreza. Sob muitos aspectos, esta é uma história atroz, mas não é, na minha opinião, entediante. Embora eu já seja muito velho e minha mão paralisada trema enquanto segura a pena sobre estas páginas de per-

gaminho, acredito que ainda resta força em mim para contar os capítulos finais do conto. Pode parecer estranho, mas sei que quando escrever a última palavra desta história, meu tempo na Terra terá terminado. Assim como São Severino, eu sei o dia da minha própria morte.

São Severino? Enquanto eu escrevo, ele está sendo enterrado na capela deste mosteiro onde passo meus últimos dias. Ele foi um missionário, um homem de Deus e servidor dos pobres na província de Nórica, além dos Alpes, e representou um papel inesperado nos últimos dias de Roma. Morreu há cerca de seis anos, mas só agora seus seguidores fiéis conseguiram trazer seu corpo de volta pelos altos caminhos alpinos e pela planície na Itália. Milagres acompanharam cada passo da jornada. Quem sou eu para questionar tais milagres? Vivemos tempos misteriosos.

Este mosteiro onde agora vivo na costa ensolarada próxima de Nápoles, tão bem tratado pelos monges cuja fé, confesso, eu pouco compartilho, este mosteiro agora dedicado a São Severino e à religião de Cristo tem uma história estranha e instrutiva. Ele costumava ser a luxuosa vila costeira de Lúculo, um dos grandes heróis da Roma republicana no século I a.C.; na época de Cícero, César, Pompeu e de todo o resto (naqueles tempos, havia gigantes na Terra). Lúculo era celebrado acima de todos os outros por sua brilhante vitória contra Mitrídates, rei de Ponto; apesar disso, os epicuristas sempre brincaram que, apesar das conquistas, eles o admiravam muito mais por ter introduzido os prazeres na Itália.

Depois da morte de Lúculo, a vila passou por várias mãos, até que, por fim, por uma das muitas estranhas ironias que tanto satisfazem Clío, a Musa da História, ela se tornou, após sua abdicação forçada, a residência do último imperador de Roma: o pequeno e louro Rômulo Augústulo, com 6 anos.

Atualmente é o lar de mais de cem monges, que agora estão em volta do caixão que contém os restos mortais do amado São Severino. Suas

vozes elevam-se aos céus em cânticos tristes e melódiosos no meio da fumaça de incenso e do brilho do ouro sagrado. Foi o próprio Severino que informou a Odoacro, o Ostrogodo, que o seu destino estava nas terras banhadas de sol do sul. Foi Odoacro quem depôs o último imperador, Rômulo Augústulo, dispensou o Senado e se autodenominou o primeiro rei bárbaro da Itália.

Não é necessário saber muito mais sobre mim. Vivo uma vida simples em minha alcova silenciosa ou encolhido no escritório frio, tendo apenas meus pergaminhos, a minha pena e oitenta anos de memória como companhia. Não sou nada mais do que um registrador, um escriba. Um contador de histórias. Quando as pessoas se reúnem em torno do fogo em uma noite fria de inverno, elas ouvem as palavras do contador de histórias, mas não guardam o seu rosto. Elas não olham para ele enquanto ouvem. Elas olham para o fogo. Elas não o veem. Elas veem o que ele lhes conta. Assim, ele não existe. Apenas suas palavras existem.

Platão dizia que existem três tipos de pessoas na vida, assim como nos jogos. Temos os heróis, que participam e desfrutam das glórias da vitória. Temos os espectadores, que apenas observam. E temos os ladrões. Não sou nenhum herói, é verdade. Mas também não sou nenhum ladrão.

O sol está se pondo, bem além do mar Tírreno, onde os grandes navios de grãos costumavam abrir caminho pela esteira salgada do norte da África até Óstia a fim de alimentar o milhão de bocas de Roma.

Agora eles não navegam mais. Agora o norte da África é um reino vândalo hostil, os campos de grãos estão arrasados e os vândalos saquearam e levaram com eles de volta para a África todos os tesouros que os godos já não haviam levado – mesmo os tesouros de valor incalculável do templo de Jerusalém, que Títo trouxera em triunfo para Roma quatro séculos antes. O que foi feito com esses tesouros? A Arca da Aliança, que diziam conter os dez mandamentos de Deus? O

ouro foi derretido e transformado em moedas vândalas há tempos. Do mesmo modo, hoje a Coluna de Trajano encontra-se despojada da grande estátua de bronze do imperador soldado que costumava ficar no seu topo. O bronze foi derretido nas oficinas dos ferreiros e transformou-se em fivelas de cintos, em braceletes e em escudos bárbaros.

Roma é uma sombra da cidade que foi um dia. E, afinal, não era imortal. Não mais imortal do que os homens que a construíram, embora acreditássemos nisso quando gritávamos “*Ave, Roma immortalis!*” nos tempos de glória e nos jogos. Não, não era uma deusa imortal, apenas uma cidade como qualquer outra; como uma mulher velha e cansada, destroçada, abusada e deixada de lado, abandonada por seus amantes e chorando as feridas à noite, como Jerusalém, antes dela, e Troia, e a eterna Tebas. Saqueada pelos godos, saqueada novamente pelos vândalos e capturada pelos ostrogodos – mas os piores estragos foram feitos por um povo mais terrível e mais invisível do que todos esses: um povo chamado huno.

No esqueleto fantasmagórico que Roma é hoje, os gatos desgarrados e famintos andam pelas ruínas do Fórum e o mato cresce pelas rachaduras em construções outrora banhadas a ouro. Estorninhos e aves de rapina fazem seus ninhos nas calhas dos palácios e vilas onde generais e imperadores costumavam conversar.

O sol se pôs e está frio na minha câmara, e eu sou muito velho. Meu jantar consiste em um pequeno pão branco e um gole ou dois de um vinho ralo e aguado. Os monges cristãos com quem vivo neste mosteiro alto e solitário ensinam que algumas vezes este pão e este vinho tornam-se a carne e o sangue de Deus. É verdade que os milagres são muitos e isso pode até ser verdade também. Mas, para mim, não passam de pão e vinho; e me bastam.

Sou um historiador com uma história grandiosa e terrível para contar. Eu não sou nada, mas parece que a tudo conheci. Lí todas as cartas, todas as partes de crônicas e histórias que sobreviveram aos

tempos em que vivi. Conheci e conversei com todos os principais personagens do palco da História durante esses anos que tumultuaram e agitaram o mundo. Fui escriba nas cortes de Ravena e de Constantinopla e servi tanto ao general Aécio quanto ao imperador Teodósio II. Sempre fui um homem em quem os outros confiaram, embora sempre me mantivesse discreto; porém, sempre que fofocas e rumores íntimos chegavam até mim, eu não fechava os meus ouvidos; ao contrário, eu ouvia a tudo de forma tão atenta quanto ouviria os relatos mais solenes e objetivos de feitos corajosos e batalhas, acreditando nas palavras do dramaturgo grego Terêncio: “*Homo sum; humani nil a me alienum puto.*” São palavras admiráveis e descrevem bem o meu lema, assim como o de qualquer escritor cujo assunto seja a natureza humana em si. “Sou humano, e nada do que é humano me é estranho.”

Conheci a Cidade Eterna das Sete Colinas, conheci a corte perfumada de Ravena, conheci a cidade dourada e celestial de Constantino. Viajei pelo poderoso rio Danúbio e descí pela garganta do rio até chegar às terras dos hunos, e ouvi as histórias dos seus extraordinários primórdios da boca do próprio rei terrível; e sobrevivi para contá-las. Eu estive ainda na grande campanha militar dos Campos Cataláunicos e vi o local onde os dois maiores exércitos de todos os tempos travaram uma batalha sangrenta, em um confronto de braços e uma nuvem de fúria que nenhuma outra era conheceu e onde o destino do mundo seria decidido: um destino tão estranho que não havia sido previsto por qualquer dos combatentes. Porém, alguns homens argutos sabiam. Os poetas e os profetas e o último dos Reis Escondidos: eles sabiam.

Conheci escravos e soldados, meretrizes e ladrões, santos e feiticeiros, imperadores e reis. Conheci uma mulher que regia o mundo romano, primeiro no lugar do irmão idiota e depois no lugar do filho idiota. Conheci a linda filha de um imperador que se ofereceu em matrimônio a um rei bárbaro. Conheci o último e o mais nobre de todos os romanos, que salvou um império que já estava perdido e morreu por

seus esforços na ponta da adaga de um imperador. Conheci também o pequeno e feroz amigo com quem ele brincava durante a infância despreocupada nas amplas e tempestuosas planícies da Cítia – o amigo de infância que na vida adulta se tornou o seu inimigo mais mortal; que cavalgou à frente de meio milhão de cavaleiros, escurecendo o céu com tempestades de flechas e destruindo tudo em seu caminho como o fogo que consome rapidamente uma floresta. No final, os dois amigos de infância se enfrentaram como homens cansados e velhos, nas linhas de batalha nos Campos Cataláunicos. Embora nenhum deles pudesse compreender, aquela era uma batalha que ambos teriam de perder. O nosso nobilíssimo romano perdeu tudo o que amava, mas o mesmo aconteceu ao seu inimigo bárbaro: o irmão misterioso de Rômulo, a sombra de Eneias, a quem os homens chamavam de Átila, o rei dos hunos, mas que também se consagrou pelo nome que suas vítimas aterrorizadas lhe deram: o Flagelo de Deus.

Ainda assim, da fúria da batalha e da destruição no fim do mundo, nasceu um novo mundo; que ainda está sendo criado de forma lenta e miraculosa, surgindo das cinzas, como a própria esperança. Pois como um sábio costumava me dizer com seu sorriso velho e cansado: “As esperanças podem ser falsas, mas nada engana mais do que o desespero.”

Tudo isso é Deus. Assim diz o mais sábio de todos os poetas, o grave Sófocles. Incompreensivelmente ele nos descreve todas as coisas tanto da luz quanto da escuridão: nobreza e coragem, amor e sacrifício, crueldade, covardia, atrocidade e terror. Depois ele calmamente nos informa:

E todas essas coisas são Deus...

PARTE I
O LOBO NO PALÁCIO

CAPÍTULO 1

TEMPESTADE DO ORIENTE

TOSCANA, INÍCIO DE AGOSTO DE 408

Uma aurora clara se anunciava sobre as planícies queimadas de sol ao longo do rio Arno. Em torno dos muros nos sinistros arredores da cidade de Florença, os exaustos remanescentes do exército bárbaro de Rhadagastus estavam acordando, prestes a descobrir que não estavam mais cercados pelos implacáveis legionários de Roma. De forma lenta, incerta e com ares de derrota, começaram a levantar acampamento e seguir para as colinas ao norte.

Em uma outra colina ao sul, com uma excelente visão da retirada e observando a cena com certa satisfação, estavam dois oficiais romanos a cavalo, resplandecentes com peitorais de bronze e plumas escarlates.

– Devo dar a ordem, senhor? – perguntou o mais jovem dos dois.

O general Estilício manteve os olhos na cena que se desenrolava abaixo.

– Obrigado, oficial, mas eu mesmo farei isso quando for a hora certa.

Menino impertinente, pensou ele, com sua concessão comprada e membros sem nenhuma cicatriz.

Ao longe, nuvens de poeira se elevavam obscurecendo parcialmente as grandes carroças de madeira dos bárbaros, que rangiam deixando

para trás o acampamento e seguindo para o norte. Os dois oficiais romanos na colina podiam ouvir o estalo dos chicotes e os gritos dos homens enquanto o exército vagabundo e heterogêneo de vândalos e suevos, godos renegados, lombardos e francos começava a longa retirada e tomava o caminho das passagens alpinas a fim de voltar para as próprias terras.

Roma ainda sobreviveria às suas investidas por algum tempo.

A horda cruel de guerreiros germânicos de Rhadagastus tinha se unido apenas pelo desejo por ouro e o forte prazer de destruir. Eles tinham aberto uma trilha de sangue por metade da Europa, desde a sua terra natal, na fria costa do báltico, ou das vastas estepes de Cítia até os vinhedos de Provença e as colinas douradas da Toscana, até que acabaram detidos na cidade de Florença. Uma vez ali, sitiaram a colônia firmemente fortificada nas margens do rio Arno. Todavia, o grande general Estilicão, imperturbável como sempre, veio do norte, saindo de Roma, para encontrá-los. Liderava um exército formado por apenas um quinto do número de homens liderados por Rhadagastus, mas que eram bem treinados nas artes do cerco e da guerra.

Conforme se costuma dizer, para cada dia que um soldado romano empunha uma espada, ele passa cem dias empunhando uma pá. Ninguém cava uma trincheira como um soldado romano. Assim, os invasores da cidade logo se viram sitiados. Embora o exército que os cercava fosse menor, eles tinham acesso a suprimentos vitais vindos do país próximo, a comida e água, a cavalos descansados e até mesmo a novas armas. O exército cercado, por outro lado, encurralado em seu acampamento sob o calor do sol de agosto da Toscana, não estava em melhores condições do que a própria cidade de Florença. Os bárbaros presos na armadilha não tinham recursos aos quais recorrer, então começaram lentamente a perecer.

Em desespero, os germânicos frustrados e abatidos se atiraram contra as barreiras que os cercavam, mas em vão. Seus cavalos se as-

sustavam e relinchavam, tendo os cascos cruelmente perfurados pelos espinhos de ferro que os romanos espalhavam pelo solo duro e quente, jogando furiosos os cavaleiros abaixo das trincheiras e muralhas inacessíveis, onde logo eram mortos por arqueiros que estavam no aterramento acima. Os que tentaram atacar os sitiadores a pé descobriram que teriam de descer um fosso de 1,80m de profundidade e então lutar para chegar ao outro lado, onde teriam de enfrentar uma subida igualmente alta contra três fileiras de estacas afiadas e perversas. Atrás das trincheiras estavam alinhados os lanceiros romanos carregando longas e afiadas lanças. Era uma barreira impossível de ser ultrapassada. Os bárbaros que não foram mortos nas barricadas voltaram para as tendas e descansaram, sentindo-se exaustos e desesperados.

Quando Estilício percebeu que Rhadagastus já tinha perdido um terço de suas forças, deu a ordem para que os romanos levantassem acampamento à noite e se retirassem para as colinas que cercavam o local. Então, quando o dia amanheceu, as tribos nórdicas, exaustas e confusas, viram-se livres para partir para casa.

No entanto, uma vez que estavam se retirando em desordem, seria uma boa ideia mandar as novas tropas auxiliares e ver o que podiam fazer. Estilício não tinha prazer algum em ver homens sendo estilhaçados no campo de batalha, diferentemente de alguns generais que ele poderia citar. Mas a vasta multidão indisciplinada reunida lá embaixo, que o desagradável comandante Rhadagastus tinha convocado para a campanha de verão, continuava sendo uma ameaça às fronteiras do norte de Roma, mesmo derrotada. Um ataque final devastador dessas novas tropas a cavalo, embora com poucas provisões, certamente não faria mal algum.

Por fim, com o exército bárbaro espalhado de forma caótica pela planície e com a tropa dianteira já alcançando as Colinas do norte, o general Estilício acenou com a cabeça.

– Dê a ordem – disse ele.

O oficial deu o sinal, e logo depois Estilicão viu, com um pouco de surpresa, que a tropa auxiliar já tinha partido a galope.

Estilicão não esperava muito deles, contudo. Esses novos guerreiros do oriente eram homens pequenos e pouco armados. Eles preferiam seus arcos e flechas a qualquer outra arma e partiam para o campo de batalha levando cordas como se fossem laçar um bando de novilhos! Quem já venceu alguma batalha usando apenas cordas? E os guerreiros de Rhadagastus, mesmo que derrotados, não eram novilhos.

Além de serem pequenos e de não carregarem muitas armas, esses guerreiros a cavalo lutavam sem armaduras, nus até a cintura, usando apenas uma fina camada de poeira sobre a pele curtida e cor de cobre como proteção. Eles evidentemente não causariam muitos danos ao exército que batia em retirada, mas mesmo assim seria interessante vê-los em ação. Nenhum romano ainda os vira lutando, embora muitos tivessem ouvido relatos duvidosos que vangloriavam sua valentia. Diziam que eles eram rápidos em seus desgrenhados pôneis das estepes, então talvez futuramente fossem de alguma serventia no serviço imperial de entregas... Com sorte, talvez pudessem conseguir capturar até o próprio Rhadagastus e trazê-lo como prisioneiro. Era uma tarefa difícil, mas valia a pena tentar.

Bem, os relatos da impressionante velocidade não eram exagerados.

Os cavaleiros vieram tropejando do vale raso a leste e seguiram direto para a coluna abatida de bárbaros em retirada. Uma boa tática: o sol atrás deles e direto nos olhos dos inimigos. Estilicão estava muito distante para ver a expressão no rosto dos homens de Rhadagastus, é claro, mas pelo modo como a coluna diminuiu o ritmo e se juntou de forma atrapalhada, como o ar se encheu de gritos de pânico, como então as carroças tentaram desesperadamente avançar a fim de chegar à segurança do terreno irregular e das colinas antes que o ataque furioso

dos cavaleiros orientais os atingisse, tudo isso fez com que percebesse que os homens de Rhadagastus não estavam sorrindo.

O ataque trovejante dos cavaleiros levantou uma fina camada de poeira das planícies queimadas pelo sol de final de verão, e Estilicão e seu oficial se esforçaram para ver o que acontecia. Então algo escureceu o céu. A princípio, mal conseguiram compreender.

– Isso é... Isso é o que acho que é, senhor?

Estilicão ficou pasmo. Realmente era o que parecia ser. O céu estava escuro, cheio delas. Uma inimaginável chuva de flechas.

Ele já tinha ouvido falar que este era um povo de exímios cavaleiros, bem como tinha ouvido coisas boas sobre seus pequenos arcos pouco impressionantes. Nada, porém, o preparara para isto.

As flechas caíam como uma chuva interminável, como insetos com ferrões assassinos sobre a coluna flanqueada de Rhadagastus. Os germânicos feridos começaram então a parar, detidos em seu caminho pelos corpos dos próprios homens. Então os cavaleiros, sem diminuir a fúria do ataque, mesmo depois de terem atravessado mais de um quilômetro e meio daquele terreno duro e queimado de sol – em um trajeto bem menor, uma tropa da cavalaria romana teria começado a diminuir o ritmo e a dar sinais de cansaço –, atravessaram a coluna horrorizada e petrificada.

Tanto Estilicão quanto o oficial estavam com os punhos fechados no cabeçote das selas, tentando se elevar mais para ver.

– Em nome da Luz – murmurou o general.

– O senhor já viu algo assim? – perguntou o oficial.

Os cavaleiros atravessaram a coluna em segundos e depois, com destreza inacreditável, viraram-se e atravessaram novamente pelo outro lado. Os guerreiros de Rhadagastus, mesmo depois de semanas de fome e doença sob os muros de Florença, tentavam estabelecer algum tipo de formação a fim de repelir o ataque. Esses lanceiros altos, fortes e louros, esses espadachins habilidosos revidaram com a fero-

cidade dos condenados. Mas a ferocidade de seus agressores era ainda maior. De onde estavam, os dois oficiais romanos puderam ver os grupos das tropas auxiliares da cavalaria rodando e comemorando como se sentissem o mais puro prazer por massacrar sem esforço os germânicos indefesos e derrotados. Eles também puderam testemunhar o efeito letal dos laços dos guerreiros orientais. Qualquer bárbaro que tentasse montar em um cavalo era instantaneamente derrubado pelo assobio e o ataque da corda cruel, lançada com uma precisão despreocupada e terrível. As vítimas caíam em uma confusão de rédeas e membros e era rapidamente mortas bem onde jaziam.

Estilicão assistiu a tudo com assombro, enquanto os guerreiros a cavalo, mesmo estando próximos, bem depois do momento em que a cavalaria romana já teria desembainhado as espadas longas, continuavam a usar os pequenos arcos e flechas para atacar os inimigos. Ele podia ver agora, enquanto a batalha se dispersava desordenadamente abaixo deles, por que a habilidade de luta desse povo era tão renomada. Assistiu a um único cavaleiro preparar a flecha no arco e atirá-la nas costas de um germânico em fuga e depois pegar outra flecha de seu coldre enquanto se virava de costas montado no cavalo sem sela. Ele a preparou, inclinou-se para a frente em um ângulo inacreditável para se proteger ao lado do corpo de sua montaria segurando apenas com os músculos das pernas, então se levantou e disparou outra flecha bem no rosto de um germânico que corria em sua direção brandindo um machado. Foi um tiro perfeito, e a flecha atravessou o crânio do soldado, saindo pela parte de trás da cabeça com um espirro de sangue e miolos. O cavaleiro pegou outra flecha, colocou-a no arco e saiu galopando antes que o guerreiro morto caísse no chão.

Galopando! Todo o encontro tinha sido executado diante dos olhos descrentes de Estilicão, à velocidade total do galope, e não havia indícios de que a ferocidade do ataque diminuiria.

– Em nome da Luz – murmurou ele novamente.

Em questão de minutos, a planície estava coberta por soldados bárbaros mortos ou feridos. Os cavaleiros orientais por fim diminuíram o ritmo da montaria até um trote e assim rondaram o campo sangrento matando os últimos guerreiros caídos com flechas ou lanças ocasionais. Nenhum deles deixou a montaria. A poeira começou a baixar. O sol ainda estava baixo a leste, banhando a cena com um suave brilho dourado. Haviam-se passado apenas alguns minutos desde o amanhecer.

O general e o oficial por fim se voltaram um para o outro e se entreolharam. Não disseram uma palavra sequer, pois não conseguiram pensar em nada para dizer. Apenas esporearam os cavalos e desceram a colina para saudar a nova tropa auxiliar.

Sob uma cobertura erguida com pressa bem na extremidade do campo de batalha, Estilcão tentou acomodar sua compleição poderosa em um banco de acampamento e se preparou para receber o comandante da tropa auxiliar de cavalaria. Uldin era o seu nome. Rei Uldin, lembrou-se ele.

Pouco depois ele apareceu, tão pequeno e pouco impressionante quanto os cavalos e arcos do povo que comandava. Mas naquele corpo estranho, baixo e de pernas arqueadas havia a mesma força resistente e incansável.

Estilcão não se levantou, mas acenou de forma cortês.

– Você fez um bom trabalho hoje.

– Fazemos um bom trabalho todos os dias.

Estilcão sorriu.

– Mas você não capturou Rhadagastus?

Agora foi a vez de Uldin sorrir. Os olhos oblíquos e curiosos brilharam, mas não de alegria. Ele estalou os dedos, e um de seus homens se aproximou por trás dele.

– Aqui – disse Uldin. – Aqui está ele.

O guerreiro se aproximou e deixou um saco encharcado e escuro cair aos pés de Estilicão.

O general resmungou e abriu o saco. Já tinha visto crueldade suficiente nos campos de batalhas em seus trinta anos de serviços prestados para que se mantivesse firme ante a visão de cabeças e membros decepados. Ainda assim, os restos desmembrados de Rhadagastus – suas mãos, das quais pendiam tendões roxos, ante os pulsos gastos dos soldados, o rosto manchado de sangue e os olhos vidrados e arregalados olhando para ele pela abertura do saco – fizeram com que seu coração parasse por um momento ou dois.

Então era este o grande comandante germânico que prometera massacrar dois milhões de cidadãos romanos e enforcar todos os senadores nas calhas do Senado. O homem que tinha dito que deixaria os corpos dos senadores pendurados ali para serem devorados pelos corvos até que seus esqueletos badalasse como sinos de ossos ao sabor do vento. O homem havia sido um poeta.

Ficou sem palavras agora, velho amigo?, pensou Estilicão.

Ao erguer os olhos, disse:

– Minhas ordens foram para que Rhadagastus fosse capturado vivo.

Uldin não moveu nenhum músculo.

– Não é assim que trabalhamos.

– Não, mas esse é o modo como os romanos trabalham.

– Será que você quer dar ordens ao rei Uldin, soldado?

Estilicão hesitou. Sabia que a diplomacia não era o seu forte. Os soldados diziam o que pensavam. Diplomatas diziam o que os outros queriam ouvir. Mas, por ora, devia tentar que... Além disso, é sempre bom ter cautela com pessoas que se referem a si mesmas na terceira pessoa.

Uldin se aproveitou da hesitação do general.

– Lembre-se – disse ele suavemente, coçando a barba fina e grisalha que lhe cobria o queixo. – Os hunos são seus aliados e não seus escravos. Alianças, assim como o pão, podem ser partidas.

Estilicão assentiu. Ele também se lembraria, pelo resto da vida, do modo como os hunos lutavam. Que Deus nos ajude, pensou ele, se um dia eles...

– Quando voltarmos para o triunfo de Roma, no final do mês – afirmou Estilicão, você e seus guerreiros irão conosco.

Uldin relaxou um pouco.

– Nós iremos – respondeu ele.

Com isso, ele se virou e caminhou em direção à luz do sol.

CAPÍTULO 2

O OLHO DO IMPERADOR

ROMA, FINAL DE AGOSTO DE 408

O Palácio Imperial estava silencioso sob o céu estrelado de verão.

O garoto estava suando por baixo do lençol fino que o cobria, com o cenho franzido de concentração e a mão segurando o punho de uma pequena adaga grossa. À noite ele sairia do seu quarto para mergulhar nas sombras do pátio do palácio, passaria pelos guardas-noturnos sem ser visto e arrancaria os olhos do imperador de Roma.

Ele ouviu os guardas passarem pela sua porta, conversando em um tom de voz baixo e lúgubre. Sabia sobre o que falavam: a recente derrota do exército bárbaro de Rhadagastus. O exército romano os derrotara, não havia dúvidas, mas somente com a ajuda de seus novos aliados: a tribo feroz e desprezada do oriente. Sem a ajuda de tais aliados, o exército romano era fraco e desmoralizado demais para se pôr em batalha até mesmo contra uma falange de gregos perfumados.

Quando os guardas se foram e o brilho alaranjado das tochas tremeluzentes não podia mais ser visto, o garoto saiu de sob o lençol, limpou o suor do rosto com a mão e caminhou até a porta. Ela abriu facilmente, pois ele havia tido o cuidado de azeitar as dobradiças durante o dia. Então ele saiu para o pátio. O calor da noite de verão italiana era opressivo. Nem mesmo um cachorro latia nos becos, nem

mesmo um gato andava pelos telhados. Nessa noite não se podia ouvir a distante algazarra da grande cidade.

Ele ouviu passos se aproximando de novo. Havia dois deles: soldados velhos e cansados, aposentados da Guarda Fronteiriça. O garoto se ocultou nas sombras.

Os dois guardas pararam por um momento, e um deles esticou os ombros curvados. Estavam a poucos metros do garoto, de pé entre duas colunas contra a luz da lua. As suas sombras eram tão negras quanto as portas de um túmulo. Tão negras e invisíveis quanto os olhos cegados do imperador.

– Depois, Rhadagastus disse que encheria o Senado de palha e atearia fogo, deixando nada além de um campo de entulho negro.

O outro guarda, um soldado velho e durão, ficou em silêncio por um momento, pensativo. Mesmo que agora o Senado fosse apenas uma sombra enfraquecida do que costumava ser – mesmo que, como todos sabiam, o império fosse, na verdade, regido pela corte imperial e seus poucos amigos plutocráticos, independentemente do que o Senado pudesse querer ou não querer –, ainda assim, o Senado era o maior motivo de orgulho e de veneração em Roma. Se uma força bárbara o tomasse e destruísse... Isso teria sido uma vergonha indescritível.

Mas os bárbaros haviam sido derrotados. Por ora. Com a ajuda de outros bárbaros.

Nas sombras atrás dos dois soldados velhos, estava agachado o garoto, segurando nas mãos sua adaga.

Todas as noites, ele tinha de passar pelo longo e solitário corredor nesse pátio silencioso e remoto do palácio no monte Palatino, seguido pelo olhar gelado do primeiro e grande imperador. Bem na extremidade ficava o seu pequeno quarto miserável – nada de um aposento luxuoso para ele – com um único candelabro de argila barato, como se ele não passasse de um mero *escravo*. Estas eram suas acomodações: uma cama

de madeira simples em uma cela sem janelas nos fundos do palácio, bem ao lado da cozinha. A indignidade de tudo isso não passou despercebida ao garoto, sendo ele supostamente o prisioneiro mais valioso de Roma. Em outros quartos ao redor do palácio viviam outros jovens prisioneiros de origem bárbara: suevos e vândalos, burgúndios, gépidas, saxões, alemanos e francos; mas até eles o olhavam de cima, como se ele fosse o pior dos piores, e se recusavam a aceitá-lo nas conversas ou jogos. O desprezo deles incendiava ainda mais o seu coração naturalmente feroz.

Esta noite, ele se vingaria daqueles impiedosos olhos imperiais e dos meses de tapas, risos de desprezo e deboche dos romanos. Os romanos temiam os presságios e eram mais supersticiosos do que qualquer outro povo que conhecia. Eles temiam as falsas profecias de toda bruxa maltrapilha e desdentada que estivesse no mercado, todo potro ou bezerro que nascesse deformado, todo presságio que seus olhos arregalados vissem no vento ou nas estrelas.

O garoto acreditava em Astur, o deus do seu povo, e na sua faca; mas os romanos, como todos os povos fracos, acreditavam em tudo. Quando vissem o grandioso primeiro imperador deles sem os olhos... Então o garoto veria o que iria acontecer com o riso debochado dos romanos. Ele congelaria bem no fundo da garganta branca de todos eles.

No tumulto das celebrações e dos jogos do dia seguinte, ele escaparia. Em breve estaria longe, bem longe desta cidade corrupta e podre, seguindo para as montanhas do norte. Depois de muitas semanas ou até meses de uma jornada difícil, ele começaria a descer de novo, com o sol atrás de si, e então estaria de volta às planícies largas e batidas pelo vento da sua amada aldeia antes que a primeira neve caísse. Aqui, ele não passava de um prisioneiro: um prisioneiro, colocado em um quarto sem janelas deste Palácio Imperial decrépito, nesta cidade velha, confusa, frágil, ansiosa e condenada. Mas lá, entre o seu povo forte e livre, ele era um príncipe de sangue real, o filho de Mundzuk, que era

filho do próprio rei Uldin. Uldin era filho de Torda, filho de Berend, filho de Sulthan, filho de Bulchü, filho de Bolüg, filho de Zambour, filho de Rael, filho de Levanghë...

Os nomes de todas essas gerações antigas estavam gravados em seu coração, porque os hunos, assim como os celtas, não registravam nenhuma informação valiosa na pedra ou no papel, temerosos de que estranhos e incrédulos pudessem descobrir seus mais sagrados mistérios. Dentre eles estava o segredo da genealogia, desses elos na divina corrente de reinados que levavam ao grande herói Tarkan, o filho de Kaer, filho de Nembroth, filho de Cham, filho de Astur, o Rei de Tudo o que Voa: ele, que usa a Coroa das Montanhas sobre a cabeça e que rasga as nuvens com suas unhas terríveis, em seu reino do céu azul sobre o maciço de Altai e da cordilheira gelada de Tian Shan. Ele, que devora seus inimigos como uma tempestade, que entre o povo oriental também é chamado de Schongar, o topo da árvore ancestral de toda a larga e nômade nação hunas.

O que os romanos sabiam sobre isso? Para eles, todos os homens além de suas fronteiras eram meros bárbaros, e a sua curiosidade não ia além dos muros de suas próprias fronteiras.

Aqui em Roma, este filho dos filhos de Astur era tratado um pouco melhor do que um escravo ou um despojo de guerra. Ele pensou nas amplas planícies de Cítia, e seu coração doeu de saudade da terra natal, da visão das tendas pretas de seu povo, dos grandes rebanhos de cavalos que se moviam lentamente pelos campos de capim. Entre eles, estava a sua amada pônei branca, Chagëlghan – cujo nome combinava muito bem com ela, que realmente era rápida como um relâmpago: *chagëlghan* na língua dos hunos. Quando voltasse às planícies, montaria em seu lombo nu, segurando-se apenas com a força das próprias pernas e com os punhos em sua espessa crina branca, e faria uma cavalgada desenfreada pelas estepes com o capim batendo no joelho, sentindo a anca dela sob a sua coxa e o vento fustigando-lhes os cabelos e a crina.

Aqui, neste império amargo e seco, tudo era reprimido e amarrado. Todas as terras tinham dono, todos os cavalos eram marcados com ferro quente, todas as estradas retas eram pavimentadas e nomeadas, todos os vinhedos e campos eram cercados – e esses romanos eram burros o suficiente para se considerarem livres! Eles não sabiam mais o que significava a palavra liberdade.

Mas ele conseguiria sua liberdade de volta. Seu presente de despedida seria cegar os olhos do grande imperador; e depois fugiria. Sabia que mandariam soldados ao seu encalço. Sabia o quanto era valioso. Eles mandariam exércitos inteiros para evitar sua fuga. Mas nunca conseguiriam encontrá-lo depois que chegasse às montanhas, pois se tornaria invisível para os olhos humanos, como um fantasma ou uma sombra.

O garoto prendeu a respiração e se ocultou ainda mais nas sombras, ficando invisível. Um dos anciãos de sua tribo, um velho solitário e quase sempre silencioso chamado Cadicha, o havia ensinado como fazê-lo. Cadicha viajara por muitos anos pela imensidão da Ásia Central, tendo visto muitas coisas estranhas, e dizia-se na tribo que ele sabia se fazer passar por uma rajada de poeira ao vento ou por uma árvore solitária. Cadicha ensinara ao menino o que fazer. Ele recuou o mais que pôde na escuridão do nicho. Contra o ombro nu, podia sentir o mármore frio do frontão, em cima do qual havia outra pomposa estátua de mármore de algum herói romano já morto. Seus dedos estavam suados ao redor do grosseiro punho de corda da faca. Ele podia sentir o cheiro salgado do mar na corda encharcada de suor.

Era pequeno para a sua idade, parecendo-se mais com um menino de 7 ou 8 anos que com um garoto que estava prestes a entrar na adolescência. Seu povo sempre havia sido desdenhado pela baixa estatura. Mas o que sabiam esses romanos enfraquecidos, com olhares frios de superioridade, ou aqueles godos de membros longos e cabelos claros? Olhe para os cavalos do seu povo: menores do que os de qualquer

outra espécie da Europa, porém, de longe, os mais resistentes. Eles podiam carregar um homem por uma hora a toda velocidade em galope sem se cansarem.

Ainda sem respirar, ele fechou os olhos puxados, pois poderiam brilhar como os olhos de um gato na escuridão.

A poucos passos de onde se encontrava, os guardas continuavam a conversar.

Que guardas *eles* eram. Velhos, cansados e meio surdos, prontos para cair a qualquer momento. Assim como a cidade que guardavam. Agora estavam falando do povo dele, e de como Roma só havia derrotado o exército bárbaro de Rhadagastus devido à ajuda de outros bárbaros. De como Estilicão, o general comandante do exército romano, tinha unido forças com uma outra tribo bárbara a fim de conquistar a vitória: um povo chamado huno.

Um dos guardas bufou.

– Animais, isso é o que são. Não comem nada, apenas carne crua, só se vestem com peles de animais, e os ritos de vitória depois de uma batalha... Você pode achar que a arena fica uma bagunça depois de um triunfo, mas você não gostaria de ser um prisioneiro de guerra *deles*. Isso eu garanto.

– Não há poder maior no mundo do que ser tão temido desta forma – afirmou o outro guarda.

– Você está filosófico esta noite!

O segundo guarda olhou para o pátio do palácio iluminado pela luz da lua e depois disse em tom suave:

– Bem, nós os veremos amanhã na comemoração do triunfo do general Estilicão.

– Triunfo do imperador Honório.

– Oh, perdoe-me – foi a resposta debochada. – Sim, é claro, o triunfo do *imperador*.

Houve um momento de silêncio, e depois um deles disse:

– Você se lembra daquela noite no Reno?

– Claro que me lembro – respondeu o outro. – Como eu poderia esquecer? Você salvou a minha vida, não foi?

– Não comece a me agradecer de novo.

– Eu não ia fazer isso.

– De qualquer modo, você teria feito o mesmo por mim.

– Não esteja tão certo.

Os dois soldados sorriram um para o outro, mas os sorrisos logo se apagaram.

Sim, eles se lembravam daquela noite no Reno. Nos últimos dias de dezembro, em que o rio congelara e as hordas bárbaras vieram a galope atravessando o gelo iluminado pela lua como se estivessem entrando no próprio reino: vândalos e suevos, alanos, lombardos, godos e burgúndios. Sim, eles se lembravam daquela noite e de todas as noites e semanas e meses que se seguiram.

O primeiro guarda baixou a cabeça com a lembrança.

– Achei que veria Roma perecer em chamas naquela noite.

Eles refletiram.

– Será que a História de Roma já acabou?

O outro deu de ombros.

– Tem sido uma longa história – afirmou ele. – Bem que poderia haver um incêndio poderoso no seu derradeiro capítulo. A queda de Roma sobrepujaria a queda de Troia como o sol sobrepuja a luz de uma vela.

– Também teremos um papel – disse o outro. – Teremos mortes tão gloriosas e heroicas quanto a do próprio Heitor.

Eles bufaram, debochando de si mesmos, e riram.

Então um deles disse:

– Vamos lá, velho troiano.

Então os dois fracos companheiros, agora relegados ao status de guardas do palácio, com suas juntas duras e envelhecidas e suas cica-

trizes que ainda doíam nas noites frias, desceram o corredor com as sandálias batendo suavemente no piso de mármore.

O garoto relaxou e, afastando-se do mármore frio, voltou a respirar. Assim que os guardas viraram uma esquina e sumiram de vista, ele saiu do nicho e deslizou rapidamente pelas sombras em direção à outra extremidade do corredor.

Ali, sob a luz clara e pálida da lua, havia uma imponente estátua de bronze do próprio César Augusto, com um grande braço esticado em comando, usando a armadura de prata que costumava ser o uniforme dos generais havia quatrocentos anos. Os olhos negros, que traziam um ar de mistério, brilhavam sob a luz da lua. Na base arredondada da estátua estavam esculpidas as palavras “*PIUS AENEAS*”. Não eram pois os Césares descendentes diretos do legendário fundador de Roma?

Amanhã ao amanhecer Augusto estaria bem diferente: com sua adaga o menino cegaria aquele olhar gélido.

Aproximou-se suavemente do frontão e, como se estivesse em um sonho estranho, começou a escalar a figura de bronze. Colocou a faca entre os dentes e, esticando o braço, conseguiu agarrar uma das mãos de Augusto, bem maiores do que as de tamanho natural. Apoiou os pés descalços nas pernas da estátua e deu um impulso, passando o braço esquerdo pelo pescoço do imperador.

Congelou. Os guardas estavam se aproximando de novo.

Não podia ser. Eles já tinham feito as 12 rondas do pátio, simetricamente como as órbitas estelares, bem à moda romana, e agora deveriam seguir para um dos outros incontáveis pátios do palácio. Na afobação, talvez tivesse contado errado.

Ficou tão quieto quanto a própria estátua enquanto os guardas passavam por debaixo dele, ambos olhando calmamente para baixo. Eles não o viram, pendurado no gigante imperial como um espírito maligno. Então, eles partiram.

Ele se inclinou para trás, agarrando a estátua com as duas coxas e um braço, pegou a adaga com a mão direita e enfiou a lâmina sob o globo ocular direito de alabastro do imperador. Arrastou a lâmina algumas vezes, forçou-a como uma alavanca e então o globo se soltou inteiro. Pegou-o com mão que segurava a faca assim que caiu, do tamanho de um ovo de pata, e o colocou dentro da túnica. Então, voltou a atenção para o olho esquerdo, novamente passando a lâmina por baixo e soltando...

– *O que* você pensa que está fazendo?

A voz era mais fria do que qualquer estátua de bronze ou de mármore.

Ele olhou para baixo. Aos pés da estátua encontrava-se uma jovem de 20 e poucos anos, usando uma estola verde-esmeralda presa na altura da cintura e os cabelos presos em um estilo sério, bem apertados em volta da cabeça. Seus cabelos tinham um tom quase avermelhado e sua pele era muito branca. Era alta e magra, com nariz fino e lábios duros e diminutos. Os olhos que o observavam eram de um verde frio como os de um gato, e ela não piscou sequer uma vez. Sua presença física era tanto frágil quanto vigorosamente tenaz. Agora ela erguia uma sobrelha inquisitória, como se estivesse curiosa ou mesmo surpresa com o que o garoto estava fazendo. Mas não havia surpresa ou curiosidade em seus olhos que faziam com que o garoto pensasse na visão do fogo queimando através de uma parede de gelo.

– Princesa Gala Placídia – sussurrou ele. – Eu...

Ela não estava interessada em explicações.

– Desça já daí – ordenou ela.

Ele desceu.

Ela olhou para o rosto mutilado de César Augusto.

– Ele encontrou uma Roma de tijolos e a fez de mármore – disse ela com a voz macia. – Você o encontrou de bronze e o deixou... mutilado. Nada mais característico. – Ela olhou novamente para o garoto e fez

uma cara feia. – É *muito* importante conhecer os nossos inimigos, você não acha?

O garoto parecia menor do que nunca.

Ela abriu a mão.

– O outro olho – exigiu ela.

Ele podia senti-lo aninhado nas dobras da túnica.

– Eu... – disse ele, engolindo em seco. – Quando estava passando, o olho já não estava mais ali. Eu só subi para me certificar de que o outro não cairia também.

Ele não entendeu o que havia acontecido quando bateu com força na parede atrás dele. Apenas quando se ergueu, ainda tonto, é que sentiu o lado do rosto arder. As cicatrizes azuis tatuadas em seu rosto, a marca de seu povo, que sua própria mãe cortara quando ele ainda estava no berço, formigavam com mais e mais intensidade. Levou os dedos à boca e descobriu que a estranha sensação que sentia nos lábios dormentes era um fio de sangue.

Ele apertou a faca com mais força e deu um passo à frente. Os dentes estavam trincados de raiva.

Gala nem piscou.

– Entregue.

O menino parou. Continuou apertando a faca, mas não conseguiu dar outro passo.

Os olhos da princesa, frios e quentes, gelo sobre o fogo, não se afastaram dele nem por um segundo.

– Você tem sido uma praga desde que chegou aqui – afirmou ela com a voz dura como aço. – Você tem os melhores tutores gauleses de Roma para ensiná-lo retórica, lógica, gramática, matemática e astronomia... Eles tentaram até ensinar-lhe grego! – riu ela. – Quanto otimismo tocante! Mas é claro que você não aprendeu nada. Suas maneiras à mesa continuam uma desgraça, você não faz nada além de debochar e bufar contra os outros prisioneiros, seus... semelhantes, bárbaros. E agora você está ficando destrutivo também.

– Rhadagastus teria feito muito pior – explodiu o garoto.

Por um breve instante, Gala hesitou.

– Rhadagastus foi derrotado – informou ela. – Como o triunfal Arco de Honório vai demonstrar quando for inaugurado na cerimônia da semana que vem. À qual você irá.

Ele olhou para os olhos arregalados da princesa.

– Estranho não ser chamado Arco de Estilício, não é? Na minha aldeia, quando uma batalha é travada e vencida...

– Não me interessa o que acontece em sua aldeia. Desde que não aconteça aqui.

– Mas agora somos aliados, não é? Se não fosse pela ajuda do meu povo, Roma já teria sido invadida pelos bárbaros.

– Segure essa língua.

– E eles causariam muito mais danos do que isso. – Ele indicou a estátua mutilada acima deles. – Se Rhadagastus e seus guerreiros tivessem entrado na cidade, parece que encheriam o Senado de palha e ateariam fogo...

– Ordeno que *segure essa língua!* – disse Gala com raiva, avançando na direção dele.

– ...em tudo, deixando para Roma apenas um campo de entulho negro. Como os godos agora podem fazer, dizem por aí, agora que Alarico é o líder deles, um general *brilhante*, que...

A mão fria e ossuda da princesa estava erguida para atingir o pequeno miserável uma segunda vez, e seus olhos puxados, olhos malévolos e asiáticos, brilhavam enquanto a provocava. Então, uma outra voz ecoou de um outro canto do pátio.

– Gala!

Ouviram o farfalhar da estola sobre o chão ladrilhado. Lá estava Serena, a esposa do general comandante Estilício, vindo em sua direção.

Gala virou-se para ela, com a mão ainda erguida.

– Serena? – disse ela.

Serena fez uma pequena mesura para a princesa enquanto se apressava em direção a eles, mas o brilho em seus olhos não tinha nada de humilde ou obediente.

– Baixe a sua mão.

– O quê?

– E você, menino, vá já para o seu quarto.

Ele se encostou na parede e esperou.

– Você acha que pode me dar ordens?

Serena olhou para Gala Placídia sem piscar. Era mais baixa do que a princesa e talvez tivesse o dobro de sua idade, mas sua beleza era inegável. O cabelo estava arrumado de forma simples e a estola de seda branca deixava os ombros e o pescoço nus, a não ser por um fino cordão de pérolas indianas. Os olhos, circundados por rugas de riso, eram escuros e lustrosos. Poucos homens na corte eram fortes o suficiente para negar-lhe os desejos quando ela os expressava em voz baixa e gentil, com o olhar e o riso amplo voltados para eles. Mas quando se enfurecia, os bonitos olhos lançavam fogo. Como agora.

– Você acha inteligente, princesa Gala, maltratar o neto do nosso aliado mais valioso?

– Maltratar, Serena? O que você acha que devo fazer quando o pego destruindo uma das estátuas mais preciosas deste palácio? – Gala se aproximou dela de forma quase imperceptível. – Algumas vezes eu me pergunto se você liga para essas coisas. Alguém poderia achar que você tem tanta simpatia pelos bárbaros quanto pelos romanos! Ridículo, eu sei. Mas é claro que eu entendo que o seu marido...

– Já chega! – ordenou Serena.

– Não. Eu ainda não terminei. Já que seu marido nasceu bárbaro e não foi batizado, eu... e muitos outros nos círculos da corte, embora você talvez ignore comodamente... *muitos* de nós suspeitamos que você tenha dificuldade para distinguir o que é romano de verdade e o que não é.

Serena sorriu com escárnio.

– Já faz muito tempo desde que os imperadores realmente nasciam romanos e eram criados como tal. Adriano era espanhol, assim como Trajano. Septímio Severo era libanês. P..

– Conheço a minha história, muito obrigada – cortou a princesa. – O que você quer dizer com isso?

– Quero dizer que você parece estar sugerindo que meu marido não é um romano de verdade por conta de sua origem. *Romanitas* não têm mais nada a ver com o nascimento.

– Você realmente entendeu mal o que eu disse. Só estou sugerindo que você e o partido de seu marido...

– Não temos um “partido”.

– ...estão correndo o risco de esquecer os princípios da civilização romana.

– Quando vejo uma mulher adulta golpear um garoto pequeno, eu não enxergo nada de civilizado, princesa – disse Serena, ácida. – Também não vejo nenhuma evidência da sutil arte da diplomacia, sendo este garoto neto do nosso aliado mais valioso.

– É claro que alguns podem argumentar que, sendo apenas a esposa de um soldado, mesmo que ele tenha sido... *promovido* de forma peculiar, suas opiniões não precisam ser levadas em conta. Mas eu não gostaria de ser tão severa – sorriu Gala Placídia. – Ou tão complacente.

– Você vê fantasmas, princesa – disse Serena. – Você vê coisas que não existem. – Ela se virou e colocou a mão no ombro do garoto que aguardava. – Vá para o seu quarto – murmurou ela. – Agora.

Eles seguiram juntos pelo corredor até o quarto do garoto.

Gala Placídia ficou lá, abrindo e fechando os punhos por algum tempo. Por fim, ela se virou e saiu pisando duro, com a estola de seda arrastando no chão enquanto avançava. Na mente afiada, via suspeitas, tramas e ciúmes crescendo como espíritos malignos nas sombras escuras do Palácio Imperial. Seus olhos verdes assombrados olhavam

para a esquerda e para a direita, mas não encontraram nada em que fosse digno deter-se.

Serena parou na porta do quarto do garoto e virou-o de forma gentil, porém firme, para encará-lo.

– A faca – pediu ela.

– Eu... eu a deixei cair em algum lugar.

– Olhe para mim. *Olhe* para mim.

Ele olhou dentro dos olhos escuros e penetrantes e voltou a olhar para baixo de novo.

– Eu preciso dela – afirmou ele, triste.

– Não precisa, não. Entregue-a agora.

Com grande relutância, ele entregou.

– E prometa que não causará mais nenhum dano ao palácio.

Ele pensou sobre isso, mas nada respondeu.

Ela continuou a encará-lo com aqueles olhos escuros.

– Jure.

Bem lentamente, ele jurou.

– Confio em você – afirmou Serena. – Lembre-se disso. Agora, vá para a cama. – Ela o empurrou de forma gentil para o quarto, fechou a porta e deu meia-volta. – Pequeno lobo – murmurou ela para si mesma, esboçando um sorriso.

Um dos eunucos do palácio foi até a porta do quarto da princesa Gala e bateu. Ela acenou para que ele entrasse.

Tratava-se do inteligente e sardônico Eutrópio. A informação vital que trazia era de que tinha visto Serena e Átila do lado de fora do quarto do garoto fazendo o que parecia ser uma promessa mútua ou um pacto.

Depois que ele partiu a princesa ficou inquieta, andando de um lado para o outro do quarto, imaginando conspirações e conversas

secretas em todos os lugares. Imaginou os hunos fazendo uma negociação secreta com Estilicão, como se o garoto estivesse, de algum modo, passando mensagens por meio de Estilicão e Serena para o seu povo assassino acampado bem longe nas planícies vastas e selvagens da Cítia. Ou mesmo para o avô dele, Uldin, que erroneamente, em sua opinião, participaria da cerimônia do triunfo imperial, ao lado de Estilicão – como se fosse o semelhante de um general romano!

Ela também imaginou o irmão, o imperador Honório, o soberano do Império Romano do Ocidente, de volta ao seu palácio em Mediolanum, ou se escondendo no novo palácio em Ravena, seguro atrás da cortina de mosquitos do pântano, rindo feliz enquanto alimentava as galinhas de estimação com os melhores grãos de trigo. Honório, seu irmão idiota, dois anos mais novo que ela: rei do mundo com 18 anos de idade. “O imperador das galinhas”, diziam as más-línguas na corte. Gala Placídia sabia de tudo, tanto por meio de sua rede de informantes quanto pelos próprios olhos verdes que viam através de tudo e de todos.

Deixe que Honório fique em seu novo palácio: talvez seja mesmo melhor que ele saia do caminho. Ravena, aquela estranha cidade onírica, conectada simbolicamente ao resto da Itália por uma estreita trilha de pedras sobre os pântanos. Ravena, o ar da noite cheio do coaxar dos sapos; onde diziam ser o vinho mais farto do que a água. Deixe que o imperador fique lá. Ele ficará seguro e quieto, sozinho com suas galinhas.

Ela ficou acordada até tarde, olhando para o grande pátio e ouvindo o som relaxante da fonte dos golfinhos, sabendo que o sono não chegaria. Se ela se deitasse agora, com a mente cheia de informações, sonharia com dez mil cascos de cavalo e com o rosto dos bárbaros, todos pintados e salpicados pelas cicatrizes e queimaduras que aqueles povos horríveis davam às crianças assim que nasciam. Ela sonharia com uma chuva negra e sem fim de flechas, com multidões fugindo e

tropeçando pelos campos desolados ou correndo para se esconder na montanha da ira e do julgamento que estavam por vir. Ela gritaria durante o sono atormentado e sonharia com igrejas, fortalezas e palácios em chamas no cair da noite, como as torres queimadas de Troia. Seus ombros magros, ossudos, afundados pelo peso do império de cem milhões de almas. Ela segurou o crucifixo de prata pendurado no pescoço com força e rezou para Cristo e seus santos, sabendo que o sono não chegaria.

Ela teria ficado ainda mais preocupada se tivesse visto o estranho ritual no quarto simples do garoto, antes que ele se deitasse para dormir.

Ele se agachou no chão, pegou o olho de alabastro da dobra da túnica e colocou-o bem na intersecção de quatro ladrilhos do piso, para que ele não rolasse. Depois de pensar por alguns instantes, durante os quais ele e o olho solto se encararam, pegou debaixo da cama uma pedra grande. Ergueu-a por sobre a cabeça e atirou-a com toda a força que conseguiu reunir, reduzindo-o instantaneamente a pó.

Deixou a pedra no chão, pegou um pouco do pó de alabastro entre o dedo indicador e o polegar e colocou-o na boca.

E comeu.

CAPÍTULO 3

OS HUNOS ENTRAM EM ROMA

Ele acordou de sonhos lamurientos de vingança infantil.

A pequena cela ainda estava escura, mas quando abriu as venezianas que davam para o pátio, o sol italiano já brilhava, alegrando o seu espírito. Os escravos estavam alvoroçados, carregando jarros de água e bandejas de madeira com queijos cobertos com musselina úmida, carne salgada e pães frescos.

Saiu da cela e pegou um dos pães enquanto passava.

– Olhe aqui, seu...

Mas ele sabia que não tinha problema. O escravo era um de seus favoritos, Bucco, um siciliano alegre e gordo que vivia lançando as mais terríveis maldições, sem que, na verdade, desejasse nenhuma delas.

– Que você se engasgue e morra com esse pedaço de pão, seu ladrãozinho! – praguejou Bucco. – Que você engasgue e morra e que o seu fígado seja devorado por cem pombos escrofulosos.

O garoto riu e foi embora.

Bucco olhou para ele e sorriu.

O pequeno bárbaro. O resto do palácio podia tratá-lo com desdém arrogante, mas, pelo menos entre os escravos, ele tinha amigos. Apenas um casal romano nos círculos da corte o tratava com um pouco de bondade.

Algumas manhãs ele ia até o tonel de água no pátio para lavar o rosto. Outras manhãs, não. Nesta manhã, não foi.

Foi por isso que, quando Serena o encontrou mais tarde, ela ficou tão perplexa.

– O que foi que você fez com o seu rosto? – gritou ela.

O garoto parou sem entender e parecendo um pouco incerto. Ele tentou sorrir, mas doía muito.

– Meu Deus do céu – suspirou ela, pegando-o pela mão e levando-o até outro canto do palácio.

Lá, ela o conduziu até uma das antecâmaras da própria suíte e o sentou na frente de uma mesa delicada, coberta com escovas de cerdas e pentes de osso, potes de unguento e frascos de perfume, e mostrou a ele o seu reflexo em um espelho polido.

Ele tinha de admitir que não estava nada bem. O corte no lábio causado pela pancada de Gala Placídia era mais profundo do que tinha imaginado. Talvez ela o tivesse atingido com um de seus pesados anéis de ouro. Durante a noite o corte devia ter aberto e sangrado de novo, depois secado e criado uma casca, de modo que a metade do seu queixo apresentava uma feia mancha marrom-avermelhada. A bochecha estava inchada e roxa, deixando as cicatrizes tribais azuis quase invisíveis. O olho direito, que ele já tinha sentido que não estava muito bem, estava quase fechado devido ao inchaço, tingido com uma miríade de tons de azul e preto.

– Então?

O garoto deu de ombros.

– Acho que devo ter batido com a cabeça durante a noite...

Ela sustentou seu olhar por um momento.

– Gala Placídia bateu em você antes de eu chegar?

– Não – respondeu ele com tristeza.

Ela se virou e pegou um pequeno pote entre os diversos espalhados pela mesa. Tirou a tampa e pegou um pedaço de linho.

– Bem, isso vai doer – informou ela.

Depois, ela insistiu para que ele usasse uma bandagem de linho encharcada de vinagre sobre o olho inchado.

– Pelo menos até o fim do dia – orientou ela. Ela olhou para ele e suspirou. Talvez a sombra de um sorriso tenha aparecido em seu rosto.

– O que faremos com você?

– Mandar-me para casa? – sugeriu ele.

Ela meneou a cabeça, mas não de um modo indelicado.

– Não é assim que as coisas funcionam – lamentou-se ela. – No acampamento do seu avô, há um garoto romano da sua idade, que também deseja muito voltar para casa.

– Idiota – disse o garoto. – Ele pode montar os melhores cavalos do mundo lá. *E não precisa comer peixe.*

– Ninguém o obriga a comer peixe.

Ele fez uma careta.

– Gala Placídia... – começou ele.

– Bem – interrompeu ela, dando uns tapinhas no braço dele e mudando de assunto. Ela tocou-lhe o rosto ferido levemente com os dedos. – O que você vai parecer, nas escadas, para assistir ao triunfo do imperador? – Ela apertou os lábios. – Você tem de ficar bem atrás. Não tente atrair atenção para si.

Ele concordou com a cabeça e desceu do banco, batendo de forma tão violenta na mesinha que fez com que todos os frascos e potes caros sobre ela voassem pelos ares. Ele murmurou uma desculpa e se abaixou para ajudá-la a pegá-los, mas depois se levantou e, obediente, saiu do quarto de Serena assim que ela mandou.

Ela mesma começou a arrumar a bagunça. Meneou a cabeça, tentando não sorrir. O pequeno bárbaro. Era verdade, ela tinha de admitir: ele não pertencia ao palácio, aquele pequeno furacão, aquela força feroz da natureza.

O menino parou do lado de fora e tocou a bandagem sobre o olho. Às vezes, ele gostava de fingir que ela era sua mãe de verdade: sua mãe, de quem ele mal se lembrava, que em uma noite de lua cheia tinha entalhado aquelas cicatrizes azuis em seu rosto com uma faca de bronze, apenas uma semana depois de seu nascimento, orgulhosa do filho recém-nascido que chorara tão pouco apesar da dor. Mas a mãe já morrera havia muito tempo. Ele não conseguia nem se lembrar de como ela era. Quando pensava na mãe, pensava em uma mulher de cabelos escuros, olhos brilhantes e sorriso gentil.

Os eunucos foram até Gala de novo e informaram que Átila tinha sido visto saindo dos aposentos particulares de Serena, usando um tipo de bandagem no rosto.

Gala trincou os dentes.

Era o dia do triunfo do imperador.

Fora dos pátios frios e formais do palácio, a cidade fervilhante de Roma se erguia em clamor. Era uma vasta expressão de gratidão, um suspiro coletivo de alívio. E talvez, misturada como o alívio, houvesse alguma perturbação, pois os hunos estavam marchando para Roma.

Trombetas soavam, estandartes eram agitados e as multidões gritavam desde a Porta Triumphalis até o Campo de Marte. Bois brancos eram levados pelas ruas, ornados com guirlandas de flores do fim do verão, balançando a cabeça de forma dócil enquanto andavam, sem conhecer o triste destino de sacrifício que os aguardava. Em todos os cantos havia multidões promíscuas bebendo, comemorando e cantando. Um olhar experiente podia distinguir dentre eles os camelôs e os enganadores. Podia distinguir os mendigos cegos encostados nas paredes que não passavam de figuras maltrapilhas e esqueléticas, virando-se e falando como os transeuntes, dos mendigos que se fingiam de cegos, com as mãos de pedintes erguidas, revelando antebraços robus-

tos demais. Lá estava o soldado veterano com uma perna de pau, e lá estava um falso soldado, pulando com a ajuda de uma muleta velha, mas com a outra perna (muito boa, por sinal) amarrada na altura das nádegas, atrás de seu manto rasgado. Logo ali havia prostitutas com sandálias altas amarradas, cujas solas eram cuidadosamente ornadas com pregos que carimbavam no chão poeirento *Sigam-me*, enquanto passavam rebolativas. Estavam fazendo muitos negócios neste dia de regozijo e espírito animal. Os olhos grandes e sedutores dessas meretrizes estavam delineados com lápis escuros e sombreados com malaquita verde, e os cabelos eram de um louro impressionante, pois usavam perucas importadas da Alemanha. Algumas chegavam a tirá-las e alegremente sacudi-las no ar.

Embora esta fosse uma ocasião solene e festiva que celebrava a salvação de Roma, as trapaças, os roubos e a prostituição continuavam como em qualquer outro dia na grande cidade. Pouco havia mudado nos quatrocentos anos desde a época de Juvenal, ou nos cem anos desde que Constantino, o Grande, havia declarado Roma um império cristão, já que pouca coisa muda na natureza humana.

Lá estava o peixeiro, vendendo “bolinhos de peixe temperado” – bem temperado, na verdade, a fim de disfarçar o fato de que o peixe tinha sido pescado em Óstia havia pelo menos duas semanas. *Advertência aos compradores.* Lá estavam os vendedores de frutas, oferecendo damascos, figos e romãs. Lá estavam os enganadores e os profetas, os “astrólogos de Caldeia” nas ruelas de Roma, usando mantos ridículos, bordados com luas e estrelas. Lá estava o jovem sírio de olhar dissimulado com suas mãos hábeis, seu sorriso simpático e seu dado chumbado. Lá estava outro ancião, que se dizia grego, com seus olhos remelentos e curvado pela idade, com um anúncio não convincente de sua “panaceia milagrosa”, um líquido verde oleoso vendido em garrafas sujas, que ele oferecia aos passantes – por um preço, é claro.

Em Roma, qualquer coisa podia ser comprada pela quantia certa de dinheiro: saúde, felicidade, amor, longevidade, o favor do Deus dos deuses, de acordo com a sua preferência.

O dinheiro podia comprar até, como às vezes se murmurava escandalosamente, o próprio sangue real.

Nos degraus do Palácio Imperial, estava reunido o número máximo de moradores reais que se podia acomodar. Em cada porta e em cada janela do andar de cima, as pessoas festejavam, gritavam e sacudiam estandartes e tecidos, assim como as pessoas faziam nas casas mais simples da cidade, debruçando-se perigosamente em janelas do quinto ou do sexto andar de seus apartamentos em altas *insulae*.

Na procissão do triunfo, primeiro vinham os senadores mais velhos, vindo como sempre à frente do imperador a pé, como sinal de subserviência. O aplauso da multidão era distintamente desanimado para esse clube supérfluo de milionários, usando togas fora de moda com barras vermelho-escuras. Depois, para uma aclamação estrondosa, vinha a longa marcha das melhores tropas de Estilício, a Primeira Legião, a venerável *Legio I Italica*, originalmente criada por Nero e situada em Bolonha. Assim como outras legiões, ela já não contava com exatos cinco mil homens, parecia que eram uns dois mil. Além disso, eles passavam mais tempo servindo no exército móvel de Estilício do que defendendo as fronteiras do Reno e do Danúbio. Mas em Florença eles haviam mostrado que ainda eram a melhor tropa do mundo. Outros legionários tinham no mínimo 1,77m, mas para entrar na *Legio I Italica*, o soldado tinha de ter 1,80m.

Eles marcharam orgulhos em uma ordem imaculada sob os estandartes erguidos trazendo águias, ou dragões bordados, ou serpentes contorcidas, que ganhavam vida com o violento vento que os sacudia. Eles carregavam apenas bastões de madeira, em vez de espadas, como era o costume durante um triunfo, mas mesmo assim pareciam homens

duros e ferozes. No final marchavam os centuriões, segurando grossas varas nos punhos e com o rosto como sempre sério. Depois foi a vez do conde Heracliano, o segundo comandante de Estilicão, com os olhos dardejantes e incertos, sempre invejoso, como diziam, do brilhante comandante. Depois, sobre um magnífico garanhão branco, o próprio Estilicão. O rosto marcante, longo e um pouco lúgubre; os olhos inteligentes; os modos ao mesmo tempo moderados e disciplinados.

Com ele estava uma figura extraordinária. E logo atrás dele, cerca de cinquenta ou mais figuras extraordinárias. Sem dúvida tão extraordinárias que, à medida que passavam, a multidão aglomerada nas ruas ficava em silêncio, como se tivesse perdido a voz.

Ao lado de Estilicão, em um pônei pequeno e arisco, virando os olhos, estava um homem como os romanos nunca haviam visto antes. Ele devia estar na casa dos 50 anos mas parecia duro como um touro. Tinha olhos oblíquos e curiosos e uma barba rala, fina e grisalha que mal lhe cobria o queixo. O capacete era pontudo, e ele usava um colete de couro duro e gasto, sobre o qual havia um manto amplo e empoeirado de pele de cavalo. Carregava muitas armas: uma espada de um lado, uma adaga do outro; um arco benfeito estava pendurado em suas costas junto com um coldre cheio de flechas. Seu olhar escuro e impenetrável estava fixo à frente e, embora tivesse uma compleição pequena, irradiava força.

Seu nome era Uldin, e ele se autointitulava o rei dos hunos.

Bem atrás dele vinham mais homens como ele, sua guarda pessoal. Seus homens também vestiam peles de animais e carregavam armas, além de cavalgarem em pequenos pôneis de olhar forte. Os cascos elegantes levantavam poeira enquanto trotavam, e os espectadores boquiabertos podiam sentir o cheiro de couro, de cavalo e de suor: algo estranho e animal, algo vasto e indomado, vindo de muito além das fronteiras ordenadas de Roma.

Alguns dos guerreiros de Uldin olhavam para a direita e para a esquerda, encontrando os olhares espantados dos cidadãos romanos com igual curiosidade. Uldin olhava fixamente para a frente, mas seus homens não conseguiam deixar de olhar para os lados e para cima, para as construções monumentais da cidade; construções cujo tamanho e grandiosidade não conseguiam entender. Mesmo os prédios mais simples, os blocos de apartamentos habitados pelos moradores mais pobres de Roma, eram maiores do que qualquer construção humana que esses guerreiros já tinham visto. Havia ainda os palácios dos patrícios e imperadores e as grandiosas e triunfais basílicas, com janelas preenchidas por um negócio chamado *vidro*, que permitia que a luz e o calor entrassem, mas não o frio. Camadas opacas de gelo azul ou verde que não derretiam ao sol e eram um grande mistério para eles.

As fantásticas e elaboradas Termas de Diocleciano e de Caracala, decoradas com mármore de todas as cores e tons concebíveis: amarelo e laranja da Líbia, rosa de Eubeia, vermelho-sangue e verde brilhante do Egito, além do precioso ônix e alabastro do oriente. Também o Panteão, o Coliseu, o Fórum Trajano e o Arco de Tito, e os grandes templos aos deuses romanos, cujos tesouros continham, como se dizia, metade do ouro do mundo...

Apesar disso, o povo de Roma recomeçou a comemoração assim que os guerreiros a cavalo passaram, reconhecendo, ainda que com dificuldade, que tinha sido apenas graças à aliança com esses bárbaros que Roma havia sido salva.

Os aristocratas mais esnobes empinaram o nariz delicado e cobriram a boca com pequenos lenços de tecido branco embebidos em óleo de lavanda. Alguns carregavam sombrinhas de seda bordadas com fio de ouro a fim de proteger a pele alva do sol e, apontando para os guerreiros hunos, brincavam que não queriam ficar tão queimados *assim*. Esses esnobes usavam túnicas claras de seda bordadas com cenas extravagantes de caçadas ou animais selvagens – ou, se quisessem demonstrar

sua religiosidade, talvez o bordado fosse a representação do martírio de seu santo favorito. O que diriam os inflexíveis heróis romanos antigos? Pode-se até especular que Catão, o Censor, teria se enfurecido. Esses medíocres, esses degenerados...

O que os hunos, eles mesmos, devem ter achado dos romanos e da própria cidade de Roma, da mesma forma, nós só podemos imaginar.

Muitos membros da classe dos patrícios não permaneceram na cidade para ver o triunfo. Com um gesto superficial e lânguido, eles disseram que a cidade estaria *quente* demais, lotada demais pela plebe e, o que é pior, por cavaleiros bárbaros para se aguentar. O cheiro seria *horrrível*. Eles partiram e viajaram para o sul com seus amigos para o lago Lucrinus, no golfo de Puzzuoli, para deitarem-se exaustos nas galés pintadas e beberem vinho de Falerna resfriado com punhados de neve trazidos em jarros por escravos vindos do Vesúvio. Reclinados nas galés, com outros escravos tocando instrumentos de corda, talvez eles pudessem levar as delicadas mãos até a água gelada e olhar em direção à ilha de Ísquia, suspirando pelos dias de sua juventude. Ou da juventude de Roma. Ou de qualquer outra época, menos esta, e de qualquer outro lugar, menos este. Qualquer coisa, menos estes dias duros e esta época exigente.

Dos degraus do palácio, as pessoas que ali viviam assistiam a tudo. No topo, encontrava-se a figura equilibrada e sem expressão da princesa Gala, usando uma túnica amarelo-alaranjada brilhante. O restante dos moradores parecia se afastar dela e, do outro lado de onde a princesa se encontrava, ao lado de Serena, estava um garoto pequeno de ombros caídos e olhando de cara feia.

– Ei, tampinha! Oi!

O garoto olhou para a esquerda e franziu ainda mais o cenho. Alguns outros prisioneiros, crianças francas, gritavam para ele em meio à multidão.

– É melhor tentar ir para a frente! Você não vai ver nada a não ser as pernas das pessoas de onde você está.

Todas as crianças louras e altas começaram a rir.

Ele estava prestes a avançar sobre eles com os dentes serrados quando sentiu a mão de Serena sobre o seu ombro, virando-o de forma gentil, porém firme, na direção da parada espetacular à frente deles.

Enquanto o general Estilicão passava, com expressão grave no rosto e sobre seu lindo cavalo branco, ele se virou e saudou a princesa Gala e conseguiu lançar um olhar para esposa: um discreto sorriso foi trocado entre eles.

Estilicão foi interrompido pela voz de Uldin ao seu lado, perguntando em um latim pobre e recortado quem era o garoto nos degraus com uma bandagem sobre um olho. Estilicão olhou por sobre o ombro e o viu, mas logo ele sumiu da vista. Ele se virou e deu um amplo sorriso.

– Trata-se de Átila, o filho de Mundzuk, filho de...

– Filho do meu filho. Eu o reconheci. – Uldin também deu um sorriso largo. Depois perguntou: – Que prisioneiro tivemos em troca?

– Um rapaz chamado Aécio. Ele tem a mesma idade de Átila e é o filho mais velho de Gaudêncio, o general comandante da cavalaria.

O rei dos hunos olhou para Estilicão.

– O mesmo Gaudêncio que...?

– Assim dizem os rumores – respondeu Estilicão. – Mas você sabe como são essas coisas.

Uldin concordou.

– Por que ele está com uma bandagem no olho? O filho de Mundzuk? Estilicão não sabia.

– Ele está sempre se metendo em confusão – disse ele, dando de ombros. – Meu pequeno lobinho – acrescentou ele, mais para si do que para Uldin.

Depois apagou o sorriso carinhoso do rosto e reassumiu a expressão grave de soldado, adequada à dignidade de um general durante o triunfo de Roma.

Em algum lugar no triunfo vinha o imperador, montado numa égua branca e imaculada: o jovem Honório em sua túnica roxa e dourada. Mas poucas pessoas notaram. Ele não era muito impressionante.

Dos degraus do Palácio Palatino, a princesa Gala assistia ao triunfo.

Depois da procissão e dos discursos e elogios intermináveis, da solenidade de agradecimento a Deus na igreja de São Pedro, aconteceram os jogos triunfais no Coliseu.

Com o fechamento dos templos pagãos pelo imperador Teodósio, uma ou duas gerações antes, e o fim dos sacrifícios de sangue, os cristãos tentaram em muitas ocasiões acabar com os jogos não tanto por causa da crueldade, mas mais por causa do imenso prazer que eles davam à multidão que assistia ao espetáculo. Também porque nos dias em que os jogos ocorriam, muitas prostitutas maquiadas se colocavam embaixo das arquibancadas, onde exibiam os lábios, os seios e as pernas para os passantes. Era difícil para um cristão achar algum lugar para onde olhar. Para as mulheres cristãs, então...

Apenas quatro anos antes, no ano de 404 de Nosso Senhor, um monge do leste chamado Telêmaco, com os olhos brilhantes de fanatismo, havia se jogado na arena em protesto contra o espetáculo nojento que acontecia. A multidão, imersa no contexto, prontamente o apedrejara até a morte. O povo amava os esportes e os jogos. Mais tarde, porém, com a inconsistência típica da mente e do coração das multidões analfabetas e sem cultura, o povo chorou de tristeza e de arrependimento pelo que havia feito. Então o jovem e impressionável imperador Honório prontamente baixou um decreto abolindo todos os jogos.

Infelizmente, assim como acontecia com muitos decretos, este foi totalmente ignorado, e os jogos logo voltaram às arenas, com o apetite do povo por sangue e espetáculos renovado. Então, neste dia de agosto, apenas quatro anos depois da morte de Telêmaco, era o próprio imperador Honório quem declarava a abertura dos jogos triunfais.

Alguns criminosos eram obrigados a se vestir como camponeses e matarem-se uns aos outros com forcados. Um homem que havia estuproado sua jovem filha tinha sido amarrado em uma estaca e cachorros de caça da Caledônia foram soltos sobre ele para devorarem seus genitais enquanto ele ainda estava vivo – a multidão realmente gostou dessa parte. Houve uma longa e sangrenta luta entre um búfalo da floresta e um urso espanhol. O búfalo acabou sendo morto, mas o urso teve de ser arrastado da arena em uma carroça e sem dúvida foi morto nas celas abaixo. No entanto, não havia mais combates entre gladiadores, já que esses haviam sido abolidos para sempre como algo inadequado a um império cristão. Também não havia mais elefantes para serem massacrados, já que a África tinha sido saqueada por quatro longos séculos por Roma, e os vastos rebanhos que costumavam perambular pela Líbia e pela Mauritânia não eram mais encontrados. Diziam que se você quisesse encontrar elefantes agora, tinha de viajar muitos milhares de quilômetros até o sul do Grande Deserto, entrando no coração desconhecido da África. Todos, porém, sabiam que isso era impossível. Também não havia mais tigres fortes nas montanhas da Armênia, nem leões ou leopardos nas montanhas da Grécia, onde Alexandre, o Grande, costumava caçá-los quando ainda era um menino, sete séculos antes. Eles também tinham sido capturados, encarcerados e enviados para Roma para os jogos. E não existiam mais.